

Gestar sensibilidades em diálogo: tarefa para a fenomenologia da percepção na era digital

Gestating sensibilities in dialogue: task for the phenomenology of perception in the digital age

Marcelo Fabri
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Resumo

A era digital está promovendo a ruína da vida teórica. O artigo investiga se é possível preservar uma tal vida, beneficiando-se das conquistas da fenomenologia da percepção. Mas isso nos conduz a um desafio que muitos consideram destinado ao fracasso. Trata-se de gerar (formar) sensibilidades em diálogo, subjetividades impactadas pelo acontecimento do aprender e do ensinar. Daí a pergunta: haveria ainda sentido em se falar em corpos grávidos de futuro, subjetividades capazes de reativar e reanimar o convívio intersubjetivo a partir do qual reencontramos nossa participação na cultura e na história? Aposta-se na resposta de que somos ainda capazes de afirmar a nossa liberdade, reivindicando uma responsabilidade pelo futuro. Responsabilidade que tem seu ponto de partida numa fenomenologia da percepção.

Palavras-chaves: fenomenologia; percepção; sensibilidade; diálogo; era digital.

Abstract

The digital age is promoting the ruin of theoretical life. The article investigates whether it is possible to preserve such a life, benefiting from the achievements of the phenomenology of perception. But that brings us to a challenge that many consider doomed to failure. It is about gestating (forming) sensibilities in dialogue, subjectivities impacted by the event of learning and teaching. Hence the question: would it still make sense to talk about bodies pregnant with the future, subjectivities capable of reactivating and reviving the intersubjective coexistence from which we rediscover our participation in culture and history? It bets on the answer that we are still capable of asserting our freedom, claiming responsibility for the future. Responsibility that has its starting point in a phenomenology of perception.

Keyword: phenomenology; perception; sensitivity; dialogue; digital age.

Informações do artigo

Submetido em 04.07.2023
Aprovado em 18/09/2023
Publicado em 28/09/2023.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2023.v23n3.p114-128>



Esta obra está licenciada sob uma licença
Creative Commons CC BY 4.0

Como ser citado (modelo ABNT)

FABRI, Marcelo. Gestar sensibilidades em diálogo: tarefa para a fenomenologia da percepção na era digital. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 23, n. 3, p. 114-128, set./dez. 2023.

1 INTRODUÇÃO

Trabalho com filosofia há quarenta anos. A fenomenologia da percepção ocupa um lugar singular nesta trajetória. Não porque me considero um especialista, mas sim porque a famosa obra de Merleau-Ponty esteve presente e me inspirou em muitos momentos da caminhada. Ocorre que, nos últimos anos, venho me sentindo uma testemunha viva de mudanças radicais em nossa sociedade e no mundo acadêmico. Sentimento de que o mundo percebido, que é em grande medida ignorado por nós, vem sendo abandonado e desvalorizado de um modo assustador. A vida estudantil está sendo drasticamente impactada por essas transformações. Vejo, cada vez mais, que as redes sociais se substituem a tudo o que é corporalmente vivenciado. Pressinto as consequências futuras de gerações que serão dominadas ou controlados pelo pensamento calculador e aditivo, pensamento esse que simplesmente prescinde da interlocução real com o outro e os outros. O que significa, num tal contexto, ensinar, pensar e mesmo praticar a fenomenologia? A vida teórica está perdendo importância e eficácia até mesmo para a compreensão do ser humano. O comportamento se torna facilmente controlado por mecanismos sofisticados de informação.

O que pode propiciar uma fenomenologia da percepção, na era digital? Tal fenomenologia não se torna inútil? A menos que se possa assumir a tarefa de *gestar sensibilidades* ansiosas e capazes de testemunharem o valor e a beleza do mundo percebido, reativando de algum modo os poderes da comunicação primordial, que preserva a pluralidade das consciências. A tarefa pedagógica e filosófica por excelência, assim nos parece, é esta: preparar gerações que possam manter vivo o amor pela vida de reflexão. E isto requer o mesmo sentimento pelo trabalho docente. Sensibilidades que amam ensinar são corpos grávidos de futuro. São subjetividades capazes de reativar e reanimar o convívio intersubjetivo a partir do qual reencontramos nossa participação na cultura e na história. Seremos ainda capazes de afirmar a nossa liberdade, reivindicando uma responsabilidade pelo futuro? Ora, o desejo de renovação é uma espécie de motivação ética estruturante da consciência. Ela perpassa o modelo fenomenológico de reflexão, desde Husserl. Em Merleau-Ponty, trata-se da renovação da confiança num *logos* encarnado, vivo, dialógico, capaz de

despertar nossa responsabilidade por gerações futuras. Sonho possível ou apenas sentimento nostálgico de um docente em vias de reavaliar seu caminho profissional e de vida?

2. A CAMINHO DE UMA AULA DE METAFÍSICA

Durante a pandemia, numa aula virtual de metafísica, no curso de licenciatura em filosofia da UFSM, um aluno desabafou: “Antes desse vírus, eu vinha caminhando para a aula, no frescor da manhã, olhando a paisagem, encontrando pessoas, saudando amigos, conversando pelos corredores. Essa caminhada me preparava para entrar em assuntos metafísicos, que exigem grande atenção e capacidade de abstração. Agora, acordo pela manhã e, em seguida, ligo o computador. Entro direto em plena exposição temática do professor, sem conseguir me orientar direito, sem poder me concentrar, sem gosto pela matéria. Está sendo muito difícil para mim”.

Merleau-Ponty diria, o pensamento perdeu o solo do mundo. Após a pandemia, tentamos voltar à normalidade, mas ficamos tão habituados à vida digital, que perdemos o gosto pela caminhada preparatória, capaz de apoiar o pensamento teórico no mundo da vida, mundo a partir do qual o corpo próprio e os encontros nos “ensinam” o sentido humano, demasiado humano, do conhecimento teórico. Abandonamos, a contragosto, o mundo real, distanciando-nos pouco a pouco do mundo circundante de que participávamos. Hoje, ainda vivemos no “mundo real”, mas acabamos por desconfiar dele, pondo em questão sua efetividade e seu valor. Séries de televisão não cessam de mostrar a distopia futura de um mundo sem rosto, sem nenhum traço de bondade e de beleza. Temos a impressão de que o universo visível e tangível se tornou sinônimo de um mundo estranho, a manifestação de algo enganador.

Talvez seja possível criar, pela tecnologia computacional, os meios para abandonar de vez o mundo percebido¹. O exemplo notável são as pesquisas em inteligência artificial, a tentativa de construir máquinas inteligentes não somente

¹ “A noção, forjada pelos ideólogos do ciberespaço, de um Self que se liberta do apego ao seu corpo natural, isto é, que se torna uma entidade virtual flutuando de uma encarnação contingente e temporária à outra, pode se apresentar como realização científico-tecnológica final do sonho gnóstico de um Self livre da decadência e da inércia da realidade material” (Zizek, 2013, p. 96).

para nos servir, mas também, e sobretudo, para mostrar que pensar “é simular os fenômenos físicos que ocorrem no mundo, no sentido daquilo que denominamos em informática simulação” (Dupuy, p. 92). Eis que o pensar se compreende como algo semelhante ao que se passa com softwares e hardwares. O cérebro seria uma espécie de hardware em que certos programas podem ser executados e algumas tarefas, por sua vez, podem ser cumpridas. O pensamento é reduzido a mecanismos de tratamento de informação.

A internet reúne indivíduos de modo eficaz e muitas vezes imprevisível, mas entrar e sair desses grupos é muito fácil. Nas aulas de metafísica e introdução à filosofia, em plena pandemia, como saber que os alunos estavam de fato presentes? A tela informava que sim, mas o que eles estavam fazendo de fato? Era o “outro” como indivíduo real que ali estava? Nenhum vínculo mais consistente parecia se produzir aí, apenas a solidão de uma fala docente procurando encontros que, em grande medida, não se realizavam. Eis que podemos, hoje, participar de grupos, aulas, seminários, sem nem mesmo ser notados. Os vínculos humanos, se é que existem, podem romper-se com a maior facilidade. Na “rede”, não há, portanto, comunidade no sentido tradicional².

Penso que uma aula presencial de metafísica, por mais árida e abstrata que seja, ensina-nos a relação profunda da inteligência com a percepção. A vida teórica, caracterizada pelo diálogo e comprometida com os rigores da ciência, nada ensinaria sem a referência do mundo percebido. Abstrair significa poder se distanciar do mundo real. Assim, somente um diálogo vivo, conduzido pela afetividade, poderia salvar a vida teórica de sua dissolução. Uma aula de metafísica, sem a referência da caminhada matinal que nos leva, através do campus, à contemplação da paisagem, a sentir o perfume das flores na primavera, a ver as folhas amareladas e caídas no outono, a encontrar tantos rostos humanos que estão pelos corredores da universidade, pode preparar e fundar o desejo metafísico de ultrapassar o mundo físico graças à capacidade

² Como explica Zygmunt Bauman, “‘Rede’ é uma forma moderna de descrever uma totalidade que difere de uma comunidade do passado, na qual uma pessoa nascia, tinha um lugar e era condenada a permanecer ali pelo resto de sua vida. Numa rede, ocorre o oposto. Se eu não gostar, posso remodelar. Se não gosto de alguém, posso ignorá-lo, não respondendo ou bloqueando suas mensagens” (Bauman; Haffner, 2021, p. 95). A comunidade, que acolhia e observava o indivíduo, podendo inclusive punir seus comportamentos divergentes, dá lugar a uma totalidade maleável e, por isso mesmo, na qual o compromisso com uma coletividade deixa de existir.

intelectiva dos seres humanos. A pandemia poderá ter-nos preparado para o pior, que ainda está por vir: o primado de um pensamento sem afetividade, isto é, um pensamento sem vigor e sem amor.

Empresas como o Google, ao analisarem dados, buscam modelos para afiliações possíveis. Em vez de modelos teóricos para se interpretar o comportamento humano, recorre-se apenas à análise de dados. As teorias e o movimento do pensar ficam simplesmente desconsiderados. O pensamento impulsionado por dados não é verdadeiramente pensamento, mas cálculo. O pensamento em sentido forte transcende a positividade do dado, conferindo ao mundo uma interpretação possível, sempre aberta a discussões, a críticas e a novos diálogos. No fundo, é isso que filósofos e filósofas fazem. O que poderia surgir diretamente de informações? Apenas um conhecimento por adição. As informações são meras positivities. Elas não implicam a relação com outrem, não se beneficiam da experiência inter-humana. Tampouco lançam luz sobre o mundo³.

Ora, o pensamento reflexivo e dialógico guarda sempre um fundo de afetividade. Um exemplo: a presença de Sócrates, no diálogo platônico, é o emblema de uma trajetória que envolve Eros. É um processo pedagógico movido pelo desejo de alcançar o “mais elevado” na esfera da vida e também numa determinada profissão. Sem a presença de Sócrates, as pretensões de Alcibíades não poderiam se realizar (Cf. Platão, 2022, 105d, p. 81). Por quê? Porque o *logos* não tem nenhuma força sem o poder de Eros, único capaz de conduzir o pensamento ao ainda não transitado. Mas, para não nos perdermos nesse intransitado, é importante realizar um caminho que somente a relação erótica poderia propiciar.

Filosofia é a tradução do eros em logos [...]. Sem eros, o pensamento perde toda e qualquer vitalidade, toda inquietação e se torna repetitivo, reativo. O eros enerva o pensamento com a cupidez pelo *outro* atópico (Han, 2017, p. 92-3, grifo do autor).

³ Seguimos, aqui, a argumentação de Byung-Chul Han, para quem, na era digital, assistimos ao “fim da teoria”. Ou seja, nenhuma reflexão teórica mais profunda serve de base para o voraz apetite de manipulação de vidas humanas. Para tal, basta um sofisticado sistema de informações que, por sua vez, só pode lidar com o conhecimento sob a forma “positiva”. Acumular dados dispensa a “negatividade”, isto é, a relação com a alteridade como impulso necessário à vida teórica (Cf. Han, 2017, p. 87, ss.). Numa outra obra, dedicada inteiramente à era digital, Han afirma: “Na sociedade da informação, simplesmente não temos tempo para a ação racional. A coação da informação acelerada nos priva da *racionalidade*” (Han, 2022, p. 36).

A fenomenologia da percepção pode ser lida como um movimento erótico do pensar? No “mundo real”, estou diante de outra subjetividade, isto é, de outra sensibilidade. Mesmo em seus pensamentos e ideias, é de outra sensibilidade que se trata. Graças à sua palavra, outrem me põe questões, me interpela, me faz considerar o que percebo de outro modo. Ora, esse “encontro dialógico”, pelo qual descobro perspectivas diferentes das minhas, condiciona nossa entrada na abordagem objetiva, nossa participação num mundo que vai além de toda particularidade. Graças às relações intersubjetivas, meu mundo percebido ganhará um novo significado e uma nova orientação.

Daí a pergunta que guia nossa reflexão: pode a tecnologia computacional ser usada para simular e preparar espaços humanos, carregados de beleza e de história? Pensamos que a resposta só será afirmativa se a percepção for vista como um desafio, e não apenas como um ponto de partida garantido. Ou seja, a tarefa é *gestar*⁴ sensibilidades capazes de descobrir os poderes da percepção em plena era digital. Certo, a percepção não é algo puramente mental direcionado às coisas que vemos e tocamos. Ela é uma espécie de encontro ou comunhão com o mundo. É assim que, quando duas subjetividades se encontram, podem perceber coisas em sua vida imanente, mas estão sempre preparadas e intencionalmente desejosas de comunicação, de partilhar, uma com a outra, aquilo que veem e sentem. Se vejo algo, quero que o outro, próximo a mim, também possa ver (Cf. Merleau-Ponty, 1996, p. 51).

3 NUMA MANHÃ BONITA DE SÁBADO, A COMUNICAÇÃO ACONTECE

Ora, só há comunicação autêntica na medida em que há um impacto da beleza do mundo sobre nós. Sem este impacto, nada teríamos que falar e dizer sobre a paisagem e as coisas. A metafísica, como já dissemos, perde a referência do mundo real. A tecnologia computacional tem o poder de “encantar”

⁴ Gestar em sentido metafórico, como se pudéssemos assumir a responsabilidade por uma tarefa maternal: buscar relações de proximidade com o outro, num mundo que absorve a vida corporal a ponto de comprometer os encontros humanos. Eis-nos às voltas com um universo virtual que sempre pode capturar e encapsular nossa sensibilidade e nossa “fecundidade”, fazendo que aquilo que é mais íntimo e próprio em nós seja manipulado, controlado e esterilizado. Gestar sensibilidades imunes a essa estrutura de poder: eis a difícil tarefa pedagógica nos dias de hoje. Somente o desejo de algo belo e valioso nos poderia inflamar para uma tal tarefa.

a sensibilidade a ponto de fazê-la se esquecer da beleza do mundo visível. Mas, repetimos, assim fazendo o que se perde ou se esquece é o valor e a beleza do conhecimento e da vida teórica. Falamos, portanto, na necessidade de criação de condições intersubjetivas não somente para que o mundo seja redescoberto afetivamente, mas também para se preservar a vida de conhecimento e de pensamento. Merleau-Ponty mesmo o admite: o mundo percebido só pode ser redescoberto se houver trabalho teórico sério, produção cultural autêntica, vida de pensamento. Nas atividades práticas e cotidianas, somos tentados a esquecer esse mundo. É preciso disciplina, arte, pensamento, reflexão, e não apenas fruição, para valorizar o mundo percebido⁵.

No solipsismo do mundo virtual, a alteridade se perde. A abertura ao outro e aos outros permanece ilusória, descomprometida, contida. Ora, se não houver, diante de mim, outra consciência, com os mesmos direitos que eu, a comunicação primordial é impossível. Na comunicação virtual, não tenho outrem diante de mim, corporalmente. Ele passa a ser para mim puro fenômeno, como tantas coisas que me aparecem. A comunicação primordial (Cf. Merleau-Ponty, 1996, p. 52) depende da pluralidade das consciências. É possível falar em comunicação primordial, na era digital?

O desafio é *entrar na esfera da intersubjetividade*. Já o dissemos: entre intelecção e percepção, há uma ligação visceral, corporal, carnal. Minhas evidências mais caras estão sempre desafiadas por uma inserção necessária em outras experiências de percepção e intelecção. Ora, como colocar o outro ser humano no horizonte de tantas possibilidades perceptivas no espaço virtual, na rede de informações, no ciberespaço? Como alguém poderia participar de minha situação, de meu horizonte perceptivo na condição de mônada virtual?

Há algum tempo, numa conversa com jovens que faziam estágio das disciplinas de português e inglês em escolas públicas do ensino médio, em Santa Maria (RS), obtivemos o seguinte relato de uma universitária que participava das atividades. Foi programado um evento lúdico-pedagógico em que estariam

⁵ Em uma de suas conversas, num programa de rádio na França (1948), Merleau-Ponty explica que seu desejo é mostrar que o mundo percebido, que parece o mais próximo de nós é, em grande medida ignorado por nós quando permanecemos na atitude prática e utilitária, de tal modo que “foram necessários muito tempo, esforços e cultura para desnudá-lo” (Merleau-Ponty, 2004, p. 1). Eis que a arte, a ciência e a filosofia, sobretudo no século XX, foram fundamentais para a redescoberta do mundo percebido.

presentes alunos, professores, funcionários da escola e familiares. Era um sábado matinal. Cortes de cabelo, cuidados com a saúde, tratamento estético, jogos educativos, brincadeiras, atividades “intelectuais” ligadas ao corpo e à linguagem. A dificuldade? Fazer que os alunos saíssem do espaço virtual. Não paravam de interagir pelo celular, sem dar importância ao acontecimento inter-humano programado. Como atraí-los para tal?

“Entrando no mundo deles”, afirmou a estudante mediadora. Foi assim que se partiu de um universo “desvinculado do mundo real” para trazer a meninada para “a vida real”. Atividade pedagógica que preparou a entrada num mundo de sensibilidades em diálogo, isto é, que criou condições, pela palavra, do desejo de convivência no “meio natural” que chamamos mundo. Jogos com palavras nas línguas estudadas ajudaram a motivar a busca de conhecimento. O sensível se uniu ao inteligível por uma síntese notável: o convívio inter-humano. A fenomenologia de Merleau-Ponty encontra, aí, sua maior exemplificação fática. A palavra pode preparar encontros, criar espaço de estudos, nutrir certa nostalgia ou saudade do que nunca se viveu efetivamente ou plenamente. A palavra rompe o silêncio de um pensamento sem Eros, isto é, de um pensamento repetitivo e aditivo (Cf. Han, 2017, p. 87, ss.).

Nossas ideias, mesmo as mais elementares e frágeis, “exprimem nosso contato com o ser e a cultura” (Merleau-Ponty, 1996, p. 59). Elas devem exprimir esta relação por mais abstratas que possam ser. Nossa condição temporal o exige. Trata-se de compreender que um caminho é sempre oferecido a nós, existentes no mundo, desejosos de conhecer e conviver. A experiência vai, assim, se esclarecendo a si mesma, num processo pedagógico que implica a alteridade, os encontros, as diferenças, as divergências. Não é um conteúdo inteligível fora do tempo que nos assegura contra a dispersão dos instantes, mas nossa “abertura a alguma coisa. Aquilo que nos salva é a possibilidade de um novo desenvolvimento e nosso poder de tornar verdadeiro até mesmo aquilo que é falso, repensando nossos erros colocando-os no domínio do verdadeiro” (Merleau-Ponty, 1996, p. 59).

Eis que um novo *cogito* se torna possível. Não aquele de um puro saber de si na suposta autotransparência de um sujeito pensante. Tampouco o *cogito* como conhecimento evidente de certas realidades objetivas. Merleau-Ponty propõe um *cogito* existencial, humano, visceral. Trata-se da certeza de si mesmo

emergindo da singularidade ou particularidade a partir da qual representamos o mundo. Estou comprometido com certos objetos, desafios e tarefas. É assim que realizo o exercício concreto do pensamento, pelo qual me certifico de que sou ou existo, podendo desta sorte conhecer e me comunicar com outras consciências encarnadas. Eu me percebo lançado no mundo com os outros certificando-me de minha realidade e de meu existir. O pensamento se torna, assim, algo capaz de se tocar, de sentir-se a si mesmo, buscando a clareza que lhe falta, *concretizando* a verdade, em vez de possuí-la (Cf. Merleau-Ponty, 1996, p. 62).

A subjetividade corporal emerge, então, como luta pelo sentido, ipseidade resistente ao pensamento aditivo e calculador. Ela descobre seu compromisso com uma obra pedagógica. Obra que surge do amor pelo saber, do ensinar e do conviver. Graças à percepção, podemos considerar o diálogo como algo em que estamos visceralmente engajados. Todo saber que se obtém mediante o acúmulo de informações é a negação da vida teórica como relação intersubjetiva, reflexão, encontro com alteridades. De nossa parte, afirmamos e enfatizamos que é preciso reconhecer que tal relação clama por uma vida de pensamento que se realiza como diálogo, estudos, reflexão e argumentação. Se é verdade que sem a percepção aquilo que conhecemos não se ilumina e não se clarifica para nós, também se pode afirmar que a essência do saber é a crítica, isto é, a capacidade de se colocar em questão, de tomar distância em relação às próprias crenças, de considerar o mundo percebido como problema. Por isso, é preciso gestar sensibilidades num mundo que não consegue ver a importância de experiências subjetivas dotadas de significação. A dimensão crítica da vida teórica tem o papel de evitar que a vida seja tragada pelo caos e que o humano, por sua vez, seja dissolvido no anonimato das informações.

Para dizer de outro modo, ao reafirmar o valor do mundo percebido, a fenomenologia da percepção não irá esquecer a importância do exercício da inteligência, da vida teórica e do amor pela ciência. Manter vivo o entusiasmo pelo rigor da vida de método e de reflexão é imprescindível para gestarmos sensibilidades num mundo que está abandonando a alegria de viver, o valor da amizade, as relações amorosas autênticas. Se for verdade que as relações transparentes construídas pela inteligência não podem absorver a percepção (Cf. Merleau-Ponty, 1996, p. 57), também se pode afirmar que o pensamento,

com suas operações lógicas e transparentes, emergindo de uma vida de interrogação intersubjetivamente compartilhada, pode salvar a percepção de ser esquecida definitivamente⁶.

A reflexão depende do fato de que frequentamos outras pessoas, que tenhamos passado pelo encontro de outras subjetividades encarnadas. Certo, não se trata de eliminar minha solidão e o modo como vejo ou percebo o mundo. O que há é uma oscilação, uma ambiguidade entre comunicação e solidão. Estaremos sempre às voltas com divergências, mal-entendidos, incompreensões. Mas é assim que o pensamento se constitui, pouco a pouco, entre conflitos e concordâncias. A razão e o acordo entre as consciências estão diante de nós (Cf. Merleau-Ponty, 2004, p. 50). Nunca os atingimos plenamente ou absolutamente. Renunciar a eles seria desastroso. É preciso continuar a obra do pensamento. Gestar sensibilidades em diálogo requer a coragem que

[...] consiste em referir-se a si e aos outros de modo que, através de todas as diferenças das situações físicas e sociais, todos deixam transparecer em sua própria conduta e em suas próprias relações a mesma chama que faz com que os reconheçamos, que tenhamos necessidade de seu assentimento ou de sua crítica, que tenhamos um destino comum (Merleau-Ponty, 2004, p. 51).

É como se à filosofia coubesse a tarefa de cuidar para que o *acontecimento* da percepção seja colhido com audácia e vigor. A prática docente, por exemplo, pode preparar sensibilidades que lutarão para que a tarefa crítica do saber não seja substituída por uma ciência de informações e de dados. Trabalhar para que os saberes constituídos sejam trazidos para o âmbito da experiência, sem a qual não poderíamos realizar o esclarecimento de nossa existência. O desafio é usar os meios tecnológicos para produzir esse “espaço de sensibilidades em diálogo”, *acontecimento* fundamental do humano.

⁶ Queremos dizer que é preciso atenção quando se toma a percepção como essencial ao conhecimento e ao pensamento. Se é verdade que o mundo percebido pode ser redescoberto e revalorizado por nós, também se deve considerar que, sem a reflexão, a ciência e a arte, pensadas como atividades culturais em sentido forte, nossa capacidade de “ver” o mundo real estará definitivamente condenada. Só a “reflexão” pela filosofia, a ciência e as artes poderiam salvar a percepção da dispersão e, conseqüentemente, da absorção pelo mundo virtual.

4 “QUERO SER PROFESSOR”: SENSIBILIDADES GRÁVIDAS DO FUTURO

Por que utilizamos o termo *acontecimento*? Porque sensibilidades humanas convivendo numa prática intersubjetiva mostram o poder que o sujeito possui de atestar o sentido do mundo em situações imprevisíveis. Quando houver acontecimento, poderemos despertar para nossa condição *responsiva*. Vinculados afetivamente ao mundo, somos também sensibilidades que descobriram sua condição de respondentes. Que é ser respondente? Mais do que sublinhar o poder constituinte de um “eu” que seria o suporte do aparecer, importa descrever a sensibilidade de um “eu interpelado pelo outro”, atravessado por sentidos que ele não constituiu. Somos subjetividades que sofrem o impacto da alteridade sobre nós.

Numa série de aulas de metodologia da pesquisa, disciplina que eu nunca havia ministrado, e que aparentemente nada tem que ver com a atividade docente propriamente dita, obtive o seguinte relato de um aluno de primeiro semestre de filosofia. “Eu vim para fazer o bacharelado, entusiasmado com a pesquisa em filosofia e a leitura dos filósofos, mas descobri, para espanto meu, que me sinto profundamente apaixonado pela atividade docente. Quero ser professor, enfrentando todas as dificuldades e esforço que essa decisão me deverá impor, mas não posso deixar esse desejo passar. Compreendi, tanto pelas aulas quanto pelos textos estudados, que a possibilidade de ensinar, associada diretamente ao desafio de dialogar, de interagir com o outro e os outros e, principalmente, de participar da realidade, surgiu como verdadeiro desafio para mim. Vou pedir a transferência para a licenciatura”.

O que este jovem descobriu sob a forma de um verdadeiro acontecimento? Que nossos gestos e nossas ações estão atravessados pelo fenômeno do sentido. Palavras e atos nunca poderão ser tomados como significado objetivo e unívoco, pois se encontram sempre articulados ou imbricados em fenômenos psicológicos, históricos, econômicos, fazendo parte de um entrecruzamento de situações imprevisíveis e motivos inconscientes. Descobriu, por si mesmo, aquilo que afirma o filósofo: “Porque estamos no mundo, estamos condenados ao sentido, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um sentido na história” (Merleau-Ponty, 1945, p. 20).

A racionalidade não é, portanto, um pensamento puro, mas experiência de sentido, relação com outros sujeitos, retomada e projeção de experiências. “Há racionalidade na medida em que as perspectivas convergem, as percepções se confirmam, um sentido aparece [...]. O filósofo se esforça para pensar o mundo, outrem e si mesmo, bem como conceber suas relações” (Merleau-Ponty, 1945, p. 20). O que importa não é encontrar uma verdade já feita, mas “realizar uma verdade”. Todos os nossos atos entram, queiramos ou não, na perspectiva de outrem. A percepção de uma alteridade mostra isso para mim. Tudo o que realizo tem implicações para o outro “eu”. Assim:

Se admitimos que a sensibilidade está fechada sobre ela mesma, e se apenas buscamos a comunicação com a verdade e com outrem ao nível de uma razão sem carne, então não há muito que se esperar (Merleau-Ponty, 1996, p. 70).

O que deduzir dessa proposição notável? Que a razão é uma tarefa, um compromisso vital, um diálogo sem fim. Tarefa que será considerada mais tarde a partir de uma razão com carne (Cf. Merleau-Ponty, 2014, p. 129, ss.), isto é, um *logos* pelo qual o corpo próprio anuncia algo que o ultrapassa. O ponto de partida não é mais a suposta unidade de meu corpo. Há apenas unidade a ser feita. Por quê? Porque o mundo não é apenas um projeto do sujeito que percebe, mas uma espécie de imbricação entre aquele que sente e o sensível, entre o corpo e o mundo. O sujeito perde seu privilégio dando lugar a um *Si* que não deixa de ser também um *Outro*. No interior da imanência está presente uma transcendência. O corpo chega sempre atrasado a si mesmo, uma vez que a identidade do sujeito supõe uma distância (*écart*), um avesso inacessível, inatingível. “Em minha identidade de sujeito, há uma experiência de alteridade” (Zielinski, 2002, p. 64).

Não se pode falar de uma subjetividade em sua pura imanência. Põe-se em questão a tese de que a transcendência é construída no interior da imanência. “Não há imanência do corpo ao sujeito sem experiência da transcendência” (Zielinski, 2002, p. 64). Eis por que se pode dizer que outrem passa a ocupar um lugar fundamental na obra do filósofo. Estou exposto ao olhar alheio. A reflexão só pode me dar a mim mesmo como presença no mundo junto a outrem. Merleau-Ponty nos ajuda a compreender a fala do jovem que descobriu o valor e a beleza de ensinar filosofia como sendo um verdadeiro acontecimento.

Algo capaz de engravidar corpos aparentemente estéreis, isto é, sem nenhuma motivação para se tornar professor, dando origem a um projeto de vida tão desvalorizado na era digital.

Em suas *Notas de Curso* dos anos de 1954 e 1955, o filósofo descreve o sujeito impactado por acontecimentos que abrem um mundo e um futuro para ele, situação imprevisível capaz de sensibilizar tal sujeito de modo notável. O poder dos acontecimentos está em “gestar algo novo”, em dar início a atividades e encontros que nos abrem um futuro. Que significa ser sujeito? Ser aquele a quem certos acontecimentos podem advir! Ser sujeito é “estar exposto a”⁷ (Cf. Merleau-Ponty, 2012, p. 4-5). Exposto a quê? A tudo o que surge como campo simbólico e intersubjetivo na vida cultural. Estou exposto ao olhar dos outros, sou interpelado por esses olhares. Mas não sou um sujeito inerte e descomprometido. Dou respostas o tempo todo a certas solicitações que me chegam. Nada está concluído ou fechado para mim. “Quero ser professor”, afirmara o jovem estudante de primeiro semestre. Ou seja, ele se sente sensibilizado, tocado, fascinado e interpelado por algo a que deve responder como tarefa de toda uma vida.

Eis a boa nova que nos faz ainda desejar dar continuidade à obra do ensino, do diálogo e da vida teórica. Mas também nos desafia a afirmar a vida, o ser humano e a crença no futuro. Só podemos continuar a aventura temporal como “humanos” se formos capazes de manter viva a obra instituinte do tempo. Não somos os constituintes do que virá, mas suas testemunhas, seus colaboradores, seus instituintes. Podemos colaborar para que um futuro seja possível. Segundo Merleau-Ponty, a *instituição* é o *acontecimento* que torna possível uma experiência que será a condição para tantas outras experiências que virão depois de mim, que terão vida e transformações independentemente

⁷ Tese que permite uma comparação com o pensamento de Levinas, filósofo que falou da sensibilidade como vulnerabilidade e exposição a outrem (Cf. Levinas, 2013, p. 30, ss). Subjetividade como *outro* no *mesmo* ou, simplesmente, como responsabilidade por outrem. Merleau-Ponty não propõe um conceito exclusivamente ético de afecção, mas não deixa de pensar o sujeito como um *si-mesmo* que sofre corporalmente a inversão de suas expectativas. Afinal, há mais sentido em nós do que podemos imaginar ou doar. Há, em nós, um sujeito instituinte, vale dizer, um sujeito capaz de ser investido, surpreendido, afetado por um sentido que o leva para além de sua postura nominativa. O que nele vem habitar transcende absolutamente seu próprio “eu penso”. De certo modo, o “outro” está em mim, quer eu o deseje ou não. Instituição, no caso, significa um acontecimento capaz de dar início a uma série de outros acontecimentos, abrindo para nós um futuro possível. Possibilidade de um futuro e de uma história comum (Cf. Merleau-Ponty, 2012, p. 9, ss.).

de mim. Experiências que terão continuidade e história (Cf. Merleau-Ponty, 2012, p. 8).

O sujeito instituinte se *investe*, ou seja, é animado por outro sentido; assim como o amor em que vive o transforma, ele consegue fazer morar no seu *eu penso* e no seu corpo um sentido que o transcende, tal como um sentido mora num livro e num objeto cultural (Merleau-Ponty, 2012, p. 10).

A fenomenologia propôs o “retorno” ao mundo vivido como exercício reflexivo capaz de recuperar um *logos* esquecido. O desafio fenomenológico de hoje é mais árduo e mais complexo: trata-se de reafirmar a fé perceptiva a partir da instituição de um futuro. Luta por um mundo *sem mim*, trabalho em equipe para que novos sentidos e novas sensibilidades possam nascer. O sujeito instituinte prepara acontecimentos humanos futuros. Ele é carne grávida de um *por vir*. Por isto, não tem nostalgia por um mundo que ficou esquecido ou encoberto. Ele apenas “atesta” ou dá testemunho dos sentidos que moram nele, que o fazem querer dar continuidade à aventura humana no tempo. Fecundidade mais do que reminiscência. Esperança, mais do que poder sobre o mundo.

A esperança nos força a manter a crença na efetividade do mundo e no seu valor. O que mais importa sublinhar é isto: somente uma autêntica relação com outrem pode nos “salvar”, isto é, evitar que a crença na efetividade do mundo desapareça por completo. Se iremos de fato renovar essa crença, usando muitas vezes os próprios recursos da tecnologia computacional, só o tempo dirá. Nossa responsabilidade? Resignificar a obra da razão a partir da carnalidade sem a qual nada mais se poderia esperar. Uma sensibilidade em diálogo tem a evidência de que, no fundo, ela guarda um poder de suspensão ou abstenção: “vem a si mesma” como subjetividade que responde pelo humano, vale dizer, que é capaz de resistir a tudo o que venha a absorvê-la ou neutralizar seus poderes perceptivos. Sensibilidade que descobriu que nada é definitivo, que o amor é mais forte que a necessidade, que o tempo é fecundidade e a vida, por sua vez, pode ressurgir e renovar-se a cada instante, imprevisivelmente e infundavelmente.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z.; HAFFNER, P. **Estranho Familiar. Conversas sobre o mundo em que vivemos**. Tradução: Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

DUPUY, J. P. O transumanismo e a obsolescência do homem. *In*: NOVAES, A. **A condição humana. As aventuras do homem em tempos de mutações**. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo: Edições SESC SP, 2009. p. 89-121.

HAN, B. C. **Agonia de Eros**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, B. C. **Infocracia. Digitalização e a crise da democracia**. Tradução: Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022.

LEVINAS, E. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. Paris: Le livre de Poche, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

MERLEAU-PONTY, M. **Le primat de la perception et ses conséquences philosophiques**. Lagrasse: Verdier, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas - 1948**. Tradução: Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **La institución & La passividad (Notas de cursos en el Collège de France – 1954-1955)**. Tradução: Mariana Larison. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012.

PLATÃO. **Alcíbiades I**. Tradução: Celso Vieira. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2022.

ZIELINSKI, A. **Lecture de Merleau-Ponty et Levinas. Le corps, le monde, l'autre**. Paris: PUF, 2002.

ZIZEK, S. **O amor impiedoso (Ou: Sobre a crença)**. Tradução: Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DADOS DO AUTOR

Marcelo Fabri

Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1989) e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1995). Realizou estágio pós-doutoral na Università di Catania (Itália), de outubro de 2004 a julho de 2005. Atualmente é professor aposentado da Universidade Federal de Santa Maria. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética Fenomenológica, atuando principalmente nos seguintes temas: subjetividade, ipseidade, alteridade, Husserl, Levinas, fenomenologia francesa. E-mail: fabri.ufsm@gmail.com